

## Casa-museu, Museu-casa, Casa histórica: um lugar de memórias

House Museum, Museum House, Historic House: a local of memories

Micheli Martins Afonso | [mimafons@gmail.com](mailto:mimafons@gmail.com)

Professora substituta na Universidade Federal de Pelotas | UFPel – Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e Curso de Museologia. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel. Bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. Realizou estágio no Museu Nacional de Soares dos Reis - Porto/Portugal. Licenciada em Artes Visuais - UFPel.

Juliane Conceição Primon Serres

Professora na Universidade Federal de Pelotas | UFPel - Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Mestre em Museologia - Universidad de Granada - Espanha, Mestre e Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Coordena o GT História e Saúde da ANPUHRS.

## Resumo

Este artigo tem como objetivo expor a problemática das Casas-Museu ou Museus-Casas, como são amplamente conhecidas no Brasil, apresentando aspectos da sua gênese e singularidades enquanto instituição de guarda e locais de memória. Desvelar traços desta tipologia museológica com intuito de instituir a uma reflexão sobre estes espaços de memória, assim como a sua importância no contexto cultural também faz parte desta abordagem

## Palavras-chave

Casa-Museu – Memória – Patrimônio.

## Abstract

This article aims to expose the House Museums issue, or Museum Houses as are widely known in Brazil, revealing aspects of its genesis and uniqueness as institutions of guard and memory sites. Unveiling features of this museum typology aiming to establish a reflection on these memory spaces, as well as its importance in the cultural context, is also part of this approach.

## Keywords

House Museum – Memory – Heritage

## Introdução

Uma Casa-Museu é uma tipologia especial de museu; cada uma delas possui uma particularidade, um tipo de acervo; consiste num refúgio doméstico que expõe um recorte de determinada época, projeta a memória de um personagem social, evidencia uma coleção de valor inestimável, retrata a vida doméstica de determinado grupo, satisfaz a curiosidade dos visitantes em observar um aspecto de uma intimidade, entre outros. A partir dessa perspectiva “[...] a casa não é mais apenas um objeto arquitetônico, nem sequer apenas um objeto cultural. A casa se transforma em continente de um conteúdo, em suporte de um significado maior” (HORTA, 1997, p. X).

Ao considerar a importância desses equipamentos culturais, este artigo tem como objetivo expor a problemática das Casas-Museus ou Museus-Casas como são amplamente conhecidas no Brasil, desvelando aspectos da sua gênese e singularidades enquanto instituição de guarda e locais de memória. Este gênero museal, melhor difundido desde o ano de 1998 com a criação de um comitê do ICOM, o DemHist - Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas, responsável por auxiliar na institucionalização e gestão desta categoria de museu, abriga registros de uma memória social, exposta em aposentos geralmente representada por um personagem de destaque para uma comunidade, independente da sua condição social.

O aporte metodológico utilizado neste texto corresponde a uma revisão bibliográfica sobre o tema Casas-Museu, que fez parte da construção de uma dissertação de mestrado em Memória Social em Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal de Pelotas, que foi finalizada em abril de 2015, a qual investiga um panorama das Casas-Museus no Brasil, sua classificação e conservação.

## 1.1 Foi uma Casa, hoje é um Museu

A palavra “Museion” foi utilizada pela primeira vez na Grécia, para designar os templos sagrados das musas da mitologia grega (HERNÁNDEZ, 2001: 15). Em sua origem histórica, o Museu está relacionado aos lugares de oferendas, dos thesaurus, aos poucos transformado em instituição dedicada ao conhecimento, com bibliotecas, observatórios, depósito de coleções; em Roma se desenvolveu o colecionismo privado e o incentivo ao colecionismo público; no ocidente medieval se impôs a ideia de colecionismo como tesouro: peças raras, exóticas, vindas das Cruzadas, do Oriente, as relíquias de santos, tendo a Igreja como grande colecionadora do período (HERNÁNDEZ, 2001: 31-33).

As obras de arte, as relíquias, a arte sacra e tantas outras preciosidades ostentadas no Renascimento deram lugar, a partir do século XV, ao interesse da sociedade por objetos estranhos, extraordinários, que despertassem uma curiosidade científica (ECO, 2010). Esta característica específica do colecionismo deu origem às “wunderkammer”, termo utilizado na Alemanha durante o Renascimento, diferente da concepção francesa “Chambre des merveilles” (HERNÁNDEZ, 2001: 16), que nada mais eram que as câmaras das maravilhas ou gabinetes de curiosidades, precursores dos nossos museus de ciências naturais (ECO, 2010: 201).

Estes espaços dedicados ao colecionismo, os quais reuniam uma série de antiguidades com tipologias diversas de objetos e peças exóticas, estavam disponíveis para exposição, apreciação do colecionador e de seus convidados. Alguns séculos mais tarde com a Revolução Francesa, se iniciou um processo social preservacionista, assim como o desenvolvimento da noção ocidental de patrimônio cultural que são as raízes do conceito que conhecemos atualmente. Após a Revolução Francesa, as coleções e os bens culturais que até então eram de desfrute apenas da nobreza, passam a ser públicas, instigando a

criação de museus na Europa e América, levando a proliferação dos museus nacionais no século XIX. Em 1793 o Louvre foi o primeiro museu aberto ao público, embora não fosse o primeiro museu europeu, já que desde 1683 a Universidade de Oxford mantinha o Ashmolean Museum, com coleções de história natural, arqueologia, entre outros, disponíveis para o estudo.

A partir do século XIX, surgem mundialmente as Casas-Museu (PONTE, 2007: 167), instituições que mesclam o íntimo com o coletivo, o privado com o público. Estes locais de memória (NORA, 1993) nasceram da ânsia de uma parcela da sociedade em salvaguardar os seus bens, expor orgulhosamente o seu legado, manter viva a memória de um ente querido ou homenagear uma personalidade social, com intuito de manter viva a sua memória no cerne da sociedade.

Os primeiros registros de arrojo social para a preservação de uma Casa-Museu no continente Americano, aconteceu nos Estados Unidos, em Massachusetts, com a tentativa de salvar da demolição a “Hoyt” ou “Indian House” no ano de 1847, por iniciativa da comunidade de Deerfield (DONNELLY, 2002: 19). A habitação também conhecida pela comunidade por a “Casa de John Sheldon” ou “Antiga Casa Indiana”, foi construída por John Sheldon em 1698, passando de pai para filho até a venda para a família Hoyt, responsáveis pela demolição da estrutura original, em 1848. Esta residência era significativa para a comunidade local, pois consistia em um dos únicos exemplares sobreviventes ao Massacre de Deerfield, que aconteceu nos anos de 1703-04. Como tentativa de manter viva a memória da habitação, assim como o seu valor simbólico para a comunidade, a porta da residência foi removida e preservada. Muitos anos após a sua demolição a estrutura do local foi reconstruída (DONNELLY, 2002: 19).

Uma Casa-Museu, por ser em essência uma casa, não isenta o museu de suas obrigações institucionais. Consiste em uma instituição de guarda que no passado abrigou as vivências e lembranças de uma

pessoa/família, ou um local que reconstrói estas memórias. A missão de uma Casa-Museu pode variar, mas em suma estima-se que preserve o edifício, os bens culturais que abriga, exerça práticas museológicas, entre outros. Não menos importante, mas principalmente caracterizador deste tipo de instituição de guarda: deve manter viva a memória ali contida do seu homenageado.

Uma Casa-Museu apresenta um ambiente cotidiano que oferece um contato direto com o reflexo do passado/presente de uma parcela da sociedade, satisfazendo a curiosidade dos visitantes em espreitarem aquele arranjo familiar (HORTA, 1997: 113 - 114). Este cenário necessita ser preservado na sua essência, o máximo possível, para que possa retratar com veracidade a vivência a qual se propõe.

Segundo Ponte uma Casa-Museu:

[...] deverá reflectir a vivência de determinada pessoa que, de alguma forma, se distinguiu dos seus contemporâneos, devendo este espaço preservar, o mais fielmente possível, a forma original da casa, os objectos e o ambiente em que o patrono viveu, ou no qual decorreu qualquer acontecimento de relevância, nacional ou local, e que justificou a criação desta unidade museológica (2007: 25).

O espaço expositivo de uma Casa-Museu induz o visitante a buscar nos objetos exibidos de uso íntimo de uma determinada personalidade, referências que remetam às suas próprias lembranças. Segundo Ecléa Bosi, em uma casa “tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver.” (2006: 436). Os primeiros habitantes da casa que hoje é uma Casa-Museu, já não habitam mais seus cômodos, mas as suas memórias, os seus modos de viver estão presentes e vivos na organização do local e nos objetos que muitas vezes se encarregam de contar esta história.

As redes que se constroem a partir de uma única residência influenciam no modo de viver dos habitantes daquele local, assim como nos hábitos dos indivíduos que ali frequentam, de acordo com Rosaelena Scarpeline:

O espaço da casa traz inserido nele a vida de seu proprietário e de seus familiares, que ali viveram por tempo longo ou curto e construíram um espaço com usos e significados próprios. Abrange também às teias extra familiares composta de amigos, vizinhos, negócios e empregados. Seus hábitos culturais e intelectuais, alimentares e de higiene, religioso e de lazer formando um conjunto de relações que servem de ponte entre o público e o privado. (2012: 78).

As pessoas que visitam uma Casa-Museu são bombardeadas por sensações que remetem a um cabedal de lembranças, talvez impossíveis de serem despertadas em outras tipologias de instituições museológicas. O cheiro dos móveis expostos em um quarto, a organização de uma mesa de jantar, o ranger da porta antiga de madeira, as folhas de uma árvore caídas no patío, dentre tantas outras especificidades vivenciadas nestes locais, transportam o visitante à infância ou a períodos específicos de sua vida. A percepção das lembranças se dá no tempo presente, e é no mesmo período que a ressignificação das imagens é feita ativando a memória. Segundo Paul Ricoeur:

Reconhecer uma lembrança é reencontrá-la. Reencontrá-la é presumi-la principalmente disponível, se não acessível. Disponível como a espera de recordação, mas não ao alcance da mão, como as aves do pombal de Platão que é possível possuir, mas não agarrar. (RICOEUR, 2012: 441).

As memórias incorporadas, não próprias da vivência do espectador, mas que foram relatadas por gerações da família, também poderão ser afloradas durante a visita a uma Casa-Museu. Neste sentido, Bosi afirma que “a criança ouve com prazer os episódios da infância dos avós que, à força de serem evocados, chegam a formar um quadro com

certa harmonia” (2006: 420) que se mescla no presente às suas próprias recordações de experiências vividas.

A seleção e a organização dos móveis e utensílios que compõem o cenário de uma habitação, espelham a personalidade dos moradores do local. As cores, a arquitetura, os objetos decorativos, cada detalhe é um registro de um grupo específico. Mesmo que a casa faça parte de um conjunto habitacional moderno, onde o edifício é padronizado para todos os moradores, a identidade de cada família se revela nos pequenos detalhes, evidenciados a partir da entrada da casa:

O homem precisa organizar os espaços internos de sua casa procurando melhor desenvolver suas atividades biológicas, culturais e mecânicas. Sua liberdade e criatividade são exercidas no momento em que ele toma posse dos espaços, é quando ele transforma uma casa em lar, dando a ela “sua cara”, instituindo novos modos e usos, recheando os ambientes com seus pertences, suas lembranças e memórias, transformando o local em lugar único. (SCARPELINE, 2012: 81).

As escolhas realizadas para a construção de um lar são feitas para prover um bem estar familiar o qual abrigará memórias viscerais. As minúcias observadas nas texturas, customização dos cômodos e mobiliários, deixam marcas identitárias que podem ser lidas pelos visitantes que frequentam aquela morada. A herança cultural introspectiva às famílias, assim como as tradições que são seguidas pelos grupos estão sempre presentes, em maior ou menor intensidade, no arranjo do lar. Alain Collomp indica que os “lugares designados nos cômodos da casa, ritual de mesa, aprendizagem desde a mais tenra infância de atitudes, gestos e palavras no interior da casa e fora” (2012: 503) visavam manter uma hierarquia dentro do lar, instruindo as crianças para a vida em sociedade.

Auxiliadas pelo percurso expositivo, as Casas-Museu transportam os visitantes a vivências familiares, da mesma forma que os museus de história, mas com uma intensidade muito mais íntima, reagindo com a memória pessoal e coletiva de um indivíduo (HALBWACHS, 2003).

Por serem uma categoria de museus de história, as Casas-Museu também instigam os visitantes ao confronto direto com um período que jamais voltará, mas que pode ser ressignificado a partir das escolhas expográficas e da organização museal. Josep Ballart Hernández indica que:

Os Museus de história seguem evocando a imaginação dos homens e das mulheres de hoje, necessitados de lenitivos que os aliviem da pressão da vida moderna e dos efeitos da aceleração das mudanças tecnológicas (2007: 70).

Alguns sentimentos profundos podem ser aflorados ao visitar uma Casa-museu, como o desejo de pertencimento àquela casa. Mesmo que por experiências próprias aquele modelo de lar não tenha nenhuma coincidência com a situação real do indivíduo, o visitante é posto a imaginar, ainda que apenas no decorrer do percurso expositivo, como seria morar e interagir com aquele espaço. A casa é considerada como o “fundamento material da família e pilar da ordem social” (PERROT, 2012: 285), ela confere conforto físico e mental aos seus moradores, já que ter um lar, um local para morar, significa para a maioria das culturas possuir um ponto de apoio. Entende-se que nem todos possuem experiências confortáveis dentro de uma casa, entretanto, a residência familiar ainda é considerada como “o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções” (BOSI, 2006: 435), influenciando, este espaço, nas relações que se tem em sociedade. Uma Casa-Museu impele a uma experimentação de algo que nunca foi vivido, mas pode ser sentido, tendo em vista que a Casa é o “local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida” (PERROT, 2012: 7).

A interação social acontece em diversos lugares, mas é no interior da moradia que a maioria dos indivíduos mostram as suas verdadeiras características, desvelam os seus anseios, suas dúvidas, seus objetivos, planejam as suas vidas e constroem as suas famílias.

[...] quando se entra numa casa-museu, para além dos sistemas de vida doméstica, observando os objectos na sua forma original ou próxima dela, penetra-se diretamente na intimidade de alguém, uma pessoa muitas vezes introvertida e que nunca pensou neste espaço para ser fruído por estranhos. [...] A memória pessoal, reflectida no espaço privado, transforma-se em memória colectiva, o espaço pessoal trona-se espaço público, procurado por quem pretender chegar ao íntimo de uma certa personalidade. (PONTE, 2007: 26).

Os diversos papéis que os indivíduos são induzidos a interpretar em sociedade, seja a partir da postura de um bom funcionário, da imagem de um amigo fiel, de um modelo de colega ideal, dentre outros, são humanizados dentro de um lar, expondo o indivíduo as suas fragilidades, angústias e defeitos enquanto ser humano. O lar é o cerne do seu mundo, cada canto desta moradia reflete a sua identidade, assim como os seus conflitos pessoais. Entretanto, em uma Casa-Museu, a interpretação que os visitantes têm do local está condicionada às decisões expográficas da equipe que administra este espaço. Os gestores de uma Casa-Museu podem, por vezes, enfatizar algumas qualidades do personagem homenageado em detrimento de outras, ocultar defeitos, criar um perfil que seja mais atrativo aos olhos do público visitante, forjando uma identidade que não se destaca da realidade, mas que pode não apresentar todas as suas faces. Todavia, sem interferir na originalidade do local, e respeitando a história e memória do patrono (a).

A reconstrução da memória de uma Casa-Museu abrange não só o momento histórico em que os personagens habitaram aquele espaço, ela inclui a ressignificação mnemônica de uma comunidade. Maurice Halbwachs aponta que a construção da memória em sociedade é um processo coletivo, em que:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e

também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003: 39)

Este pensamento coletivo justifica a criação de Casas-Museus que homenageiam pessoas de distintos segmentos da sociedade, no que diz respeito à classe social e atividade profissional e/ou intelectual. O prestígio conferido a uma pessoa isolada, só é possível graças a uma identificação que se verifica entre este personagem e um grupo social.

Mario Chagas indica que independente do status social da habitação, desde a mais simples choupana aos grandiosos palácios, “das casas-grandes às senzalas, dos grandes apartamentos em condomínios luxuosos às precárias moradias de favelas” (2013: 1) todas cumprem a sua função enquanto moradia. Chagas ainda aponta que:

As casas museus (sejam elas casas das camadas populares, das classes médias ou das elites sociais e econômicas), a rigor, são casas que saíram da esfera privada e entraram na esfera pública, deixaram de abrigar pessoas, mas não deixaram necessariamente de abrigar objetos, muitos dos quais foram sensibilizados pelos antigos moradores da casa. As casas museus e os seus objetos servem para evocar nos visitantes lembranças de seus antigos habitantes, de seus hábitos, sonhos, alegrias, tristezas, lutas, derrotas e vitórias; mas servem também para evocar lembranças das casas que o visitante habitou e que hoje o habitam. (2013: 3).

Estima-se que uma Casa-Museu remeta a um exemplo de espaço íntimo, excluindo a necessidade de ser um modelo tradicional ou original. Este local expositivo pode ser elaborado como um cenário, a partir da reconstrução de uma residência ou um cômodo, para ilustrar um ambiente que retrata um fato, período, vida e/ou obra de um personagem de destaque em uma comunidade. Ainda assim, é importante frisar que para ser considerada uma Casa-Museu, esta reconstrução deve ser executada com base em documentos que

legitimem esta tipologia museal. Nos casos de Casas-Museu que homenageiam uma personalidade ou uma família, estima-se que mantenham o mais fielmente possível o arranjo original da casa, expondo os objetos de cunho íntimo, levando em consideração as suas reminiscências, e permitindo ao público visitante uma interpretação verossímil do cerne da vivência daqueles indivíduos.

Por vezes, denominam-se casas-museu inúmeras estruturas que retratam diferentes formas de quotidiano doméstico sem se relacionarem com alguma vivência concreta, reportando-se antes a formas de vida de determinada localidade ou região. Estas unidades museológicas tanto poderiam ser no local em que se encontram como noutra, uma vez que não têm a referência a qualquer indivíduo concreto. Não se consideram estas estruturas casas-museu, falta-lhes o fator vivência. Serão museus etnográficos, casas típicas, museus de história, onde os objetos organizados de determinada forma contam uma história criada por alguém. (PONTE, 2007: 40).

António Ponte caracteriza como “original” as Casas-Museu que possuem uma organização museológica que respeite o cenário expositivo ou decoração do ambiente intacto à época em que os proprietários habitavam o local. Maurice Halbwachs afirma que “o fato de permanecer o tempo de alguma forma imóvel durante período até bastante extenso é consequência de que ele serve de contexto comum ao pensamento de um grupo [...]” (2003: 146), sustentando a vontade de manutenção de um espaço íntimo para apreciação da coletividade.

Sendo assim, percebe-se que o motivo para a criação de uma Casa-Museu pode estar atrelado a diversos fatores político-sócio-culturais que vão desde a exaltação de personagens significativos em um contexto social, até a exaltação de vultos das artes, literatura, arquitetura, política, e por vezes até mesmo anônimos, que por seu trabalho, vida ou postura social, permanecem “vivos”, homenageados em Casas-Museus. Existe ainda uma situação peculiar de criação destes espaços através da auto-homenagem, como é o caso

da Casa Museu Fernando de Castro, situada na cidade do Porto em Portugal, a qual o patrono criou, decorou e promoveu a sua residência ainda em vida, como um museu particular, sendo transformada em uma Casa-Museu após o seu falecimento. No Brasil, o Museu Casa de Cora Coralina, constitui um exemplo de Casa-Museu que homenageia um personagem pela sua obra. A casa onde a poetisa goiana nasceu e viveu, abriga objetos que narram a sua vivência entre os poemas e os doces que fazia. Outro exemplar brasileiro é o Museu Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, o qual não carrega em seu nome o título de Casa-Museu, mas é um exemplar original desta tipologia, pois homenageia e revela a vida do médico e político gaúcho, Carlos Barbosa Gonçalves, mantendo praticamente que intacta a residência a qual o patrono viveu, na cidade de Jaguarão/RS, com a sua família.

Existe uma classificação ampla elencada pelo DEMHIST - Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas, comitê do ICOM, que abrange diversas tipologias de Casas-Museu, classificando-as de acordo com as suas características específicas. Entretanto, cada país possui Casas-Museu com particularidades que por vezes não se adequam a esta classificação cerne, fator que levou a alguns pesquisadores a sugerir outras categorias, como é o caso da categorização realizada por António Ponte para Portugal. Até o momento não existem estudos publicados de mapeamento e classificação desta tipologia aqui no Brasil, mas como já foi referido anteriormente, está sendo realizado através de uma dissertação de mestrado que deverá ser publicada até o final de 2014. Entende-se que a classificação desta tipologia, assim como o estudo da gênese destes locais de guarda é fundamental para que se possa compreender a sua função e importância na manutenção da memória de uma comunidade.

## Conclusões

As Casas-Museu possuem diversas tipologias e singularidades, fatores que devem ser analisados e prestigiados para que a gestão, conservação, educação, comunicação entre diversas atividades típicas de instituições museais possam ser realizadas. Por constituírem modelos ou a reconstrução de exemplos de habitações, o ambiente que integra uma Casa-Museu pode algumas vezes não favorecer o exercício de algumas práticas museológicas. Este fato exige a criatividade dos seus gestores e funcionários que atuam nestas instituições de guarda, tanto quanto a imersão em pesquisas que contribuam para o crescimento destes sítios. Percebe-se um crescente avanço no Brasil em pesquisas que favoreçam a esta abordagem, ainda que mínimas, em comparação a outros setores museológicos.

Pretendeu-se com este artigo desvelar aspectos que tangenciam esta temática específica da esfera museal, apresentando algumas características das Casas-Museu e as suas particularidades enquanto instituições de guarda.

## Referências

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: 13. Ed. Companhia das Letras, 2006.

CHAGAS, Mario. A poética das casas museus de heróis populares. In: Revista Mosaico. Edição nº4, Ano II. 2013. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=print/artigo/poética-das-casas-museu-de-heróis-populares>>, [Consult. 12 mar 2014].

COLLOMP, Alain. Famílias. Habitações e coabitações. In: História da Vida Privada 3. Da Renascença ao Século das Luzes. Companhia de Bolso, 2012.

DONNELLY, Jessica Foy. Interpreting Historic House Museums. Walnut Creek, AltaMira Press. 2002.

ECO, Umberto. A vertigem das Listas. Tradução: Eliana Aguiar. Editora Record, Rio de Janeiro, São Paulo, 2010.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. 2003, São Paulo: Centauro Editora.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart. Gestión del patrimônio cultural. Ariel Patrimonio. 3ª edición. España, 2007. Capítulos 1- 5.

HORTA, Maria de Lourdes P. A Museologia e o Museu-Casa. Mesa Redonda. 1997. In: Anais dos I Seminário sobre Museus-Casa. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa [em linha]. Disponível em: <[www.museucasarui Barbosa.gov.br](http://www.museucasarui Barbosa.gov.br)>, [Consult. 09 set. 2012].

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. Projeto História 10. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de história. PUC/SP, 1993.

PERROT, Michelle. Maneiras de Morar. In: História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra 4. Companhia de Bolso. 2012.

PONTE, António M. Torres. da. Casas-Museu em Portugal: Teorias e Prática. 2007.

Dissertação (Mestrado em Museologia). Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

RICOEUR, Paul. Memória, História e Esquecimento. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

SCARPELINE, Rosaelena. Lugar de morada versus Lugar de memória: a construção

museológica de uma Casa Museu. Revista Musear. Ano 1 nº 1. Junho de 2012, p. 77 – 90.